

## **A IMPORTANCIA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DO SUJEITO SURDO À LUZ DA MATRIZ HISTÓRICO CULTURAL**

Janine Candeias Balbino Dias  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica –  
janine\_balbino@hotmail.com

Isabel Matos Nunes  
Professora do DECH/ CEUNES/UFES – São Mateus/ES  
bel\_mnunes@hotmail.com

Aprendizagem e Avaliação: Diagnóstico, Planejamento e Gestão do Trabalho  
Pedagógico – Comunicação Oral.

**Resumo:** Estudos produzidos na atualidade têm apontado que ainda há uma enorme dificuldade por parte dos profissionais da educação em relação ao processo de aprendizagem dos alunos público da educação especial. Ainda persistem alguns equívocos em relação às suas particularidades e certas resistências em tomá-los como “pessoas” em processo de desenvolvimento e de aprendizagem na sala de aula comum, como acontece com todos os outros alunos. É uma questão que provoca a tessitura do presente texto, é: por que ainda existem tantos surdos com atraso no desenvolvimento da linguagem? Nesse sentido, que o presente texto problematiza como acontece a aquisição de linguagem do sujeito surdo, apontando sua importância no processo de desenvolvimento desses sujeitos, tendo como base de referência a matriz histórico cultural, especificamente, os estudos realizados por Vygotsky em suas obras, mais especificamente nos textos de defectologia<sup>1</sup> e os estudos de Bakhtin sobre Linguagem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando-se captar nas produções dos autores e seguidores da corrente teórica, reflexões a respeito da importância da aquisição da linguagem para o sujeito surdo.

**Palavras chaves:** Linguagem. Desenvolvimento. Surdez.

### **Palavras introdutórias**

“O pensamento não é simplesmente expresso em palavras, é por meio delas que ele passa a existir” (VYGOTSKY 2008, p.156-157).

---

<sup>1</sup> Refere-se aos estudos de pessoas com deficiência ou transtorno do desenvolvimento.

A discussão sobre surdez, educação e língua de sinais vem sendo ampliada nos últimos anos por profissionais envolvidos com a educação de surdos, como também pela própria comunidade surda. Essa discussão vem sendo cada vez mais necessária à medida que os rumos da política educacional, numa perspectiva inclusiva vêm sendo consolidada no Brasil.

No entanto, mesmo com reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras como um meio legal de comunicação e expressão, garantido pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e da implantação de uma política nacional de educação especial na perspectiva da inclusão escolar (BRASIL, 2008), ainda existem muitos sujeitos surdos com atraso no desenvolvimento da linguagem.

Os estudos de Góes (1999), Quadros (2004), Lacerda (2006), entre outros, apontam que os sujeitos surdos pela defasagem auditiva enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social no qual estão inseridos. Desse modo, no caso de crianças surdas, o atraso na aquisição de uma língua pode trazer consequências emocionais, sociais e cognitivas, mesmo que realizem aprendizado tardio de uma língua. Devido às dificuldades acarretadas pelas questões da linguagem, observa-se que as crianças surdas se encontram defasadas no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade.

A reflexão de como acontece o processo de aquisição da Linguagem do sujeito surdo, será fundamentado na matriz histórico cultural, fundamentada nos pressupostos de Vygotsky e Bakhtin, por ambos considerarem a linguagem como um fator fundamental no processo de conhecimento do mundo e entenderem que a constituição de qualquer indivíduo se dá por meio do intercambio social (OLIVEIRA, 2012).

Os fundamentos sobre a *Surdez, Linguagem, Caminhos indiretos* serão os percursos norteadores na tessitura desse texto. Onde desenvolveremos alguns apontamentos sobre a pessoa Surda, a partir de uma visão construída e fundamentada na teoria histórico-cultural, baseadas em Vygotsky, com breves contribuições de Bakhtin.

Nosso pressuposto é que todos os seres humanos, e isso significa TODOS, sem exceção ou distinção de raça, gênero, normal, anormal, comungam da mesma lei do desenvolvimento geral postulada por Vygotsky, e ao tratarmos das pessoas com deficiência ele ressalta que existem peculiaridades sociopsicológicas, e para que haja o desenvolvimento desses sujeitos, requer que trilhemos por caminhos indiretos ou alternativos e recursos especiais.

### **A aquisição da linguagem sob a ótica da perspectiva histórico cultural**

Bem dizia Vygotsky, somos sujeitos históricos e nos constituímos humanos por meio de nossas relações sociais com os outros. Embora sejamos seres biológicos, a espécie *Homo sapiens* ou precisamente o Homem, é o único animal que nasce duplamente, uma vez que nascemos como seres biológicos e nos constituímos humanos por meio de nossa relação dialética com o outro, no decurso de nossas relações sociais, que vão se desenvolvendo durante nossa história (PINO, 2005).

Para Goldfeld (1997), a linguagem é tudo que envolve significação, que tem valor semiótico, não se restringindo apenas a uma forma de comunicação, e é nela que o pensamento do indivíduo é constituído. Ainda segundo a mesma autora, a linguagem está sempre presente no sujeito, até quando este não está se comunicando com outras pessoas; assim ela constitui o sujeito, a forma como este recorta e percebe o mundo e a si próprio. Assim sendo, a linguagem da criança, desde seu início, é essencialmente social; ela se desenvolve no plano das interações sociais, nas relações interpessoais.

A linguagem é o que nos diferencia dos outros animais. Nascemos, balbuciamos, formamos palavras, mais à frente frases, o processo de aquisição de uma língua não ocorre de forma inata e sim adquirida, por meio do intercâmbio cultural ao qual o indivíduo está inserido. No surdo congênito isto é um pouco diferente, nasce, chora, balbucia e não desenvolve a fala de forma natural. Sabe-se que

95% dos surdos são filhos de pais ouvintes, que na maioria das vezes, tem como única fonte de comunicação a via oral auditiva (SACKS, 2010).

Nos textos da “defectologia”, Vygotsky (1997) já evidencia um olhar de possibilidades dos processos humanos e da importância social na consolidação do potencial das crianças. Fez críticas a centralização do defeito, as classificações, e a dinâmica de atendimento educacional baseado na falta, esquecendo-se de olhar as potencialidades do indivíduo.

Dito de outro modo, a escola não deve apenas se adaptar à insuficiência desta criança, também deve lutar contra ela, superá-la. Nisso consiste o terceiro traço fundamental do problema prático da deficiência: além da comunidade de objetivos que a escola normal e a especial propõem, além da particularidade e singularidade dos meios que a empregam na escola especial, o caráter criativo de toda a escola, que fazem dela uma escola de compensação social, de educação social e não uma « escola de débeis metais », que a obriga a não se adaptar à deficiência, e sim a vencê-la, constitui o momento imprescindível do problema da deficiência prática. (VYGOTSKI, 1997, p. 36)

Durante muito tempo os surdos foram expostos a treinamentos exaustivos, segregados, com a finalidade de oralização, que não passava de pura mecanização sem sentidos e desprovidas de significados, treinos que objetivavam a integração do surdo na língua oral. Vygotsky (2008) é contra a ideia da fala mecanizada, de pura verbalização, para ele a palavra sem significado é um “som vazio”.

Quando nos deparamos com sujeitos surdos, que fogem do padrão de ser humano eleito pela sociedade, nos remetemos a pensar, como acontece o processo de aquisição de linguagem destes, já que sua via auditiva se encontra fechada. Em suma, Vygotsky diz que “[...] Por si só, entregue em seu desenvolvimento natural a criança surda-muda, nunca aprenderá a falar [...]” (2011, p. 867).

É visto, a necessidade de direcionamento destes sujeitos, para que consigam se apropriar e significar sua linguagem, para isso o autor nos propõe trabalhar com caminhos alternativos e recursos especiais.

[...] exatamente porque o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os

quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem. (VIGOTSKI, 2011, p. 869)

Portanto, há que se rever as práticas, os jeitos e os saberes implicados nos modos de ensinar dos professores com relação aos modos de aprendizados de alunos surdos. Há a necessidade de se estudar os modos e as peculiaridades implicadas no desenvolvimento da pessoa surda. Há a urgência em olhar para os sujeitos na especificidade de sua constituição e não para sua deficiência como um aspecto limitador de sua aprendizagem. Góes (2012), segue dizendo que os surdos apresentam dificuldades no contato com a língua do grupo social ao qual está inserido. Desse modo, para o sujeito surdo, o atraso de linguagem pode vir acompanhado de várias consequências emocionais, sociais e cognitivas.

[...] Nascer surdo é infinitamente mais grave do que nascer cego pelo menos de forma potencial. Isso porque os que têm surdez pré-linguística, incapazes de ouvir seus pais, correm o risco de ficar seriamente atrasados, quando não permanentemente deficientes, na compreensão da linguagem a menos que se tomem providências eficazes com toda a presteza (SACKS, 2010, p.19).

Algumas indagações nos vem a mente: estamos colaborando ou não para a aprendizagem desses sujeitos? Quais são as providências que estão sendo tomadas no ambiente educacional? Ao longo de nossa história fomos construindo um aparato cultural voltado para o sujeito “normal”, biologicamente falando, com todos os órgãos do sentido e funções cerebrais intactas e funcionais.

Mas, sabemos que cada indivíduo é um ser único, e por sua vez atua na sociedade com seus traços individuais, embora esses traços tenham sua gênese no meio social (GOLDFELD, 2002).

Esse meio social pode ser o gatilho para o desenvolvimento da linguagem dos surdos, ou este mesmo gatilho poderá afastá-lo, das possibilidades de aquisição da linguagem, sabendo que este, poderá favorecer a inclusão ou a exclusão. Vygotsky (1997) nos fala que, o atraso no processo de aquisição da linguagem do sujeito surdo, deve ser investigado no âmbito da sociedade e não no próprio indivíduo.

A linguagem exerce função indispensável no desenvolvimento de qualquer ser humano, é ela que nos molda e nos impulsiona. Auxilia na formação do pensamento e reverbera nossas funções mentais, modificando nosso raciocínio, memória e atenção (GÓES, 2012).

Pensar nos surdos congênitos privados da linguagem, é olhar para uma mente quase nada povoada. Luria (2017) vem nos dizer que o desenvolvimento mental da criança depende do meio social e do constante ato de comunicação entre a criança e o adulto.

Sem participar deste ato de comunicação, a criança surda, apresentará um atraso em adquirir uma língua, isto não está relacionado a ela ser surda ou não, e sim ao ambiente pouco favorável que ela está inserida, que pode impulsioná-la buscando novas descobertas ou não.

Um ambiente favorável seria aquele que abarcasse a Língua de sinais, visto que esta, é a língua natural dos surdos. Aqui no Brasil esta língua espaço-viso-manual é conhecida como LIBRAS<sup>2</sup> (língua brasileira de sinais). Embora em nossa sociedade haja predomínio da língua oral-auditiva, a LIBRAS é imprescindível ao surdo no desenvolvimento e aquisição da linguagem.

Haja visto, a necessidade de colocar o surdo em contato com seus pares linguísticos fluentes em LIBRAS, o mais rápido possível, para possibilitar o acesso a língua, tornando-o capaz de significar o mundo a sua volta (DIZEU & CAPORALI, 2005).

Trazemos a Libras aqui neste texto, como ponta pé inicial das “operações culturais complexas<sup>3</sup>”, visto que, para o surdo o caminho auditivo se encontra impedido, ele vai buscar por caminhos indiretos o alcance de seu objetivo, que é a comunicação, base da Linguagem e do Pensamento.

---

<sup>2</sup> A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos –FENEIS, define a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como a língua materna dos surdos brasileiros, através da lei 10436 de 24 de abril do ano de 2002 a língua foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, sendo validada no decreto nº 5626/05, como língua oficial dos Surdos brasileiros, usada e difundida nas comunidades surdas e afins.

<sup>3</sup> Acontece quando a criança não consegue atingir seus objetivos de maneira satisfatória pelo caminho direto, passando a usar os caminhos indiretos.

Deixar o surdo de lado, sem comprometimento e mediação em seu processo de desenvolvimento é algo cruel, é restringi-lo da sociedade. Ser surdo não se baseia em ter capacidades a menos, Vygotsky (1997) diz que “o defeito não é só uma dificuldade e sim uma força”, e Góes sabiamente vem nos mostrar que:

[...] A deficiência não torna a criança um ser que tem possibilidades a menos; ela tem possibilidades diferentes. Dessa perspectiva, a deficiência não deve ser concebida como uma falta ou fraqueza, já que o indivíduo pode encontrar, a partir das relações sociais, outras formas de desenvolvimento com base em recursos distintos daqueles tipicamente acessíveis na cultura [...] (2005, p. 39).

As outras formas de desenvolvimento para o sujeito surdo, neste caso é sua língua natural, e recursos alternativos que auxiliem seu desenvolvimento. Trabalhar com suas potencialidades, não buscando adaptar o indivíduo ao meio, a cultura majoritária que possui uma língua oral-auditiva e sim por meio de “compensações sociais<sup>4</sup>”.

Assim como relata Luria (2017), Vygotsky exerceu uma grande influência nos estudos referentes a Neurologia, porém, sua obra foi interrompida, deixando apenas como legado para seus discípulos. Neste campo, o autor trouxe os conceitos de “Compensação social” e “Plasticidade cerebral”, embora estes caminhem juntos, não são iguais.

Segundo Dainez & Smolka (2014), a “compensação social” tem como pressuposto a inserção do sujeito, na vida laboral, em diferentes espaços. A autora ressalta que, Vygotsky se ancorava nesta ideia para se opor as questões educacionais organicistas, que se baseava nos cuidados com o corpo. Ele defendia o desenvolvimento das funções complexas (atenção voluntária e orientada, memória mediada, percepção verbalizada, trabalho de imaginação, pensamento generalizado, nomeação e conceptualização do mundo).

Já no campo cerebral, achava-se que as células nervosas (neurônios), eram imutáveis, hoje sabemos que estas são móveis, capazes de sofrerem alterações

---

<sup>4</sup> Segundo Vygotsky (1997) é a produção de uma luta social que está relacionada com o modo como o meio social se organiza para receber a criança com deficiência e a forma de orientação das práticas educacionais.

em seu nível de organização, forma e função, dependendo das respostas ambientais que aparecerem no desenrolar da vida do indivíduo, a isso chamamos de “Plasticidade cerebral”.

A plasticidade cerebral, foi estudada pelos neurologistas, que constataram que o grau de Neuroplasticidade de nosso cérebro, está intimamente conectado com a idade maturacional dos indivíduos. Na fase ontogenética o cérebro é mais plástico, sendo este, o período mais propício para se receber os estímulos, pois o Sistema Nervoso (SN), está mais apropriado a receber transformações externas, à medida que amadurecemos a capacidade plástica do cérebro diminui (LENT, 2010).

Visto que o cérebro é plástico, e que o período ontogenético é o mais adequado para a plasticidade cerebral acontecer, é visto a necessidade de investirmos na aquisição de linguagem dos surdos no período da infância, a fim de obtermos mais sucesso no desenvolvimento social destes sujeitos.

Quando se deixa de lado as potencialidades desses sujeitos na infância, na fase adulta, há quem veja, toda a falta de resposta aos questionamentos, dificuldades para aprender, lentidão nos processos cognitivos, chega a se perguntar. É apenas surdez? A autora Goldfeld (2002, p. 58) nos mostra que:

[...] Em todas as situações cotidianas, o surdo que não adquire uma língua, se encontra em dificuldade e não consegue perceber as relações e os contextos mais amplo da atividade em que se encontra, já que para tal seria necessário que seu pensamento fosse orientado pela linguagem [...].

O início do desenvolvimento cognitivo, como nos diz Vygotsky (2008) acontece de forma intersíquica, ou seja, do psiquismo do adulto para o da criança. Ao nascer o bebê chora e este choro instintivo passa a ser entendido pela mãe como fome e passa a ganhar um significado, posteriormente a cada choro o neném será alimentado, um ato de início fisiológico passa a ter um significado compartilhado, ainda que embora seja um ato prático, aí começa o desenvolvimento da linguagem. Resumindo as ideias de Vygotsky sobre o processo de apropriação da linguagem, Goldfeld nos diz que:

A aquisição da linguagem segue, então, a orientação do exterior para o interior e no seu percurso ela passa a dominar e a orientar o pensamento pela fala egocêntrica, até se tornar a principal forma de pensar por meio da fala interior, que pode ser chamada também de pensamento linguístico (2002, p.60).

A linguagem não é apenas um ato de comunicação, ela organiza e planeja o pensamento, daí percebemos que a falta de respostas nos diálogos com surdos com atraso de linguagem é respondida pela não organização mental e falta de pensamento relacionados as atividades de cunho social que fogem de seu cotidiano prático. Nessa perspectiva, a aquisição da linguagem para o surdo é uma questão de necessidade. Haja visto que:

[...] a consciência é a habilidade em avaliar as informações sensoriais, em responder a elas com pensamentos e ações críticas e em reter traços de memória de forma que traços ou ações passadas possam ser usados no futuro (LURIA, 2017, p.196).

Não pretendemos demarcar aqui no texto, que os surdos congênitos, que não estão expostos a linguagem não pensam. No decorrer de sua história familiar, foram desenvolvendo formas práticas de comunicação, estes signos práticos, é o que direcionam seu pensamento, ainda que de uma maneira bem concreta, produzem uma linguagem rudimentar ligada ao seu cotidiano prático (GOLDFELD, 2002). Em vários momentos, pontuamos as potencialidades e capacidades destes sujeitos, que podem sair deste campo do imediatismo, o que acontece quando se apropriam da língua de sinais.

### **Breves contribuições de Bakhtin**

Para Bakhtin (2006) somos sujeitos constituídos com alicerces em nossas relações sociais, utilizando como meio intercambial a linguagem e os signos. Utilizamos de tais mecanismos para nos comunicarmos e para pensarmos (fala interior). Ou seja, indivíduo e social se entrelaçam em uma relação mutualística em que sem o social, não existe consciência individual, e sem indivíduos não há

sociedade, nessa relação ambos coexistem interligados. Dessa forma segue Luria nos dizendo que:

“A consciência nunca foi um “estado interior” primário da matéria viva; os processos psicológicos surgem não no “interior” da célula viva, mas em suas relações com o meio circundante, na fronteira entre o organismo e o mundo exterior que caracteriza toda atividade vital do organismo” (2017, p.196).

Vivemos em um mundo multi-diverso e variações linguísticas específicas, que retratam a cultura e o tempo histórico de cada um. Exemplo disso são as crianças do século XXI, que já crescem sabendo manusear o aparelho de celular, se olharmos para o passado veremos que a sociedade não era tão tecnológica, assim como estamos hoje. Afirmando isto Goldfeld (2002), aborda que toda a subjetividade das crianças é determinada pelo momento histórico ao qual esta se encontra.

Ainda dizendo que sem o signo não há consciência, é com base no signo que ocorrem as relações sociais e a consciência passa a existir. Os signos surgem do processo de interação entre consciências individuais diferentes, essas consciências estão impregnadas de signos, e se tornam consciência quando assume valores sociais, significados, através de interações verbais.

Durante muito tempo pensou-se que a língua oral-auditiva era o único meio de utilização dos signos, em consequência disso, os surdos ficaram excluídos do processo educacional ou foram forçados a oralizar, hoje sabemos que existem outras formas de utilização destes. Refletindo as considerações feitas por Bakhtin, observamos outras possibilidades de utilização dos signos. “Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, massa física, cor, movimento do corpo ou outra coisa qualquer” (1990, p. 33).

Hoje reconhecemos a LIBRAS como um signo linguístico próprio, de cultura própria, uma língua espaço-viso-manual. Entendendo que a maioria dos surdos não possuem impedimentos físicos, para adquiri-la, nos questionamos: Por que ainda existem tantos surdos com atraso no desenvolvimento da linguagem?

Considerando a linguagem como algo primordial para o exercício de nossas relações sociais. Sacks vem nos dizer que:

“[...] ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações [...]” (2010, p. 19).

Este atraso no desenvolvimento da linguagem traz consequências graves no futuro, tais como isolamento, por não conseguir interagir, falta de compreensão, já que não consegue estabelecer uma linguagem acessível, atraso cognitivo, entre outros.

Esta questão nos remete a pensar, como acontece o desenvolvimento da consciência nos surdos, já que estes em sua maioria não são expostos a sua língua natural logo que nascem. Sacks, vem nos trazer a magnitude desta questão, quando nos diz: “ [...] os surdos sem língua podem de fato ser *como* imbecis – e de um modo particularmente cruel, pois a inteligência, embora presente e talvez abundante, fica trancada pelo tempo que durar a ausência de uma língua [...]” (2010, p 28-29).

Bakhtin (2006) nos fala que a resposta a este questionamento, não deve ser procurada no núcleo orgânico da deficiência ou no próprio indivíduo e sim no meio social.

### **Considerações**

A pergunta que motivou a tessitura do presente texto e não para de ecoar: Por que ainda existem tantos surdos com atraso no desenvolvimento da linguagem? Sem a pretensão de responder, a questão impulsionou-nos a buscar na matriz histórico cultural, sobretudo nos pressupostos de Vigotsky e Bakhtin, algumas reflexões sobre a importância da apropriação da linguagem nos sujeitos surdos.

Dos conceitos discutidos e reflexões tecidas, ressaltamos que para que os surdos consigam responder a questionamentos e efetivamente se sentir

pertencente a sociedade, precisam de uma língua. Já que o nosso pensamento é povoado por palavras e elas evoluem a medida que as relações sociais se modificam e resignificam nosso pensamento.

É difícil tentar entender códigos, que por vezes, parece não significar nada para a maioria das pessoas, e que significa tudo para o próprio utilizador. A falta de linguagem, faz com que o desenvolvimento da consciência fique lacrado dentro de si mesmo, sem vontade e possibilidades de extravasar.

Acreditamos que seja importante para sujeito surdo crescer, desenvolver-se, amadurecer, construir e constituir-se inserido numa língua própria e natural. A criança, ao ter acesso a uma língua, passa a desenvolver linguagem, interagindo com o outro, repensando suas ações, elaborando seu pensamento, vivenciando novas experiências e se desenvolvendo.

Conforme os pressupostos de Vygotsky, uma criança que não escuta possui as mesmas condições de aprendizagem que uma criança ouvinte, porém o acesso à linguagem se dará por meio do canal gesto-visual. Portanto, apostamos que todos podem aprender, e os estudos da matriz histórico cultural defendem uma educação que assuma seu papel em promover a aprendizagem e o desenvolvimento de todos, e assim pela via da cultura e do processo social o aluno surdo possa ser inserido na cultura, no coletivo social.

## Referências

BAKHTHIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Brasília: MEC. SEESP. 2008a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 19 de julho, 2018.

DAINEZ, Débora; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **O conceito de compensação no diálogo de Vigotski com Adler**: desenvolvimento humano, educação e deficiência. *Educ. Pesqui.* [online]. 2014, vol.40, n.4, p.1093-1108.

DIZEU, L. & CAPORALI, S. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**, Educ. Soc. vol.26 no.91 Campinas May/Aug. 2005.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. 4º. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista**. 7º. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LACERDA, C. B. F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006

LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios?** Conceitos fundamentais de neurociência. 2º Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, p 147-182, 2010. P 147-182.

OLIVEIRA, F. M. A. **O aspecto social em Bakhtin e Vigotski**. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Lic., - Letras - UEMS/Campo Grande, v. 2, n. 1, julho, 2012.

PINO, Angel. **As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

QUADROS, R. M de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**. Uma viagem ao mundo dos surdos. 4º. ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2010.

VYGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem**. 4º ed. São Paulo, 2008.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas – Tomo V: Fundamentos de defectología**. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 15º ed. São Paulo: Ícone, 2017.